



Educação de Infância e Inclusão - de pequenino se vive o destino!

Ana Teresa Brito - Ispa - Instituto Universitário | EDUNOVA.ISPA

Nascemos. Somos pessoas de pleno direito neste nosso nascer que faz (re)nascer o mundo à nossa volta - nasce um bebé e (re)nasce uma mãe, um pai, um cuidador. É nesta interação que cada bebé se desenvolve, cresce como criança, no extraordinário sentido de si que aqui desponta. Esta é a beleza complexa, o desafio, o encantamento do sempre novo, que emerge no seu acolhimento. Esta é também a raiz da inclusão em Educação de Infância: mobilizarmos tudo o que sabemos e somos para a receber, com respeito e amorosidade, buscando potenciar o sentido de pertença de cada criança, a sua plena participação. Esta é a desafiante reflexão que aqui partilhamos.

Cada criança chega até à creche, ao jardim de infância, com a sua história única; com o caminho de como foi (ou não) sonhada; com a sua família como constelação, também ela irrepitível, nas suas forças e vulnerabilidades. Todos temos uma história de vida que começa antes mesmo de nascermos. Pessoa, processo, contexto, tempo - Bronfenbrenner e Morris (2007) assim nos convidaram a compreender que somos sempre nós e a nossa circunstância (Gomes-Pedro, 2017), num passado que desemboca em presente, na singularidade das nossas vidas.

É em educação de infância que devolvemos à criança e sua família um olhar sobre si mesmas, espelho de como a sociedade as vê, alavancando, assim, a forma como se veem a si próprios. Como sublinha Vandembroeck é “apenas num contexto de igualdade e diferença se pode construir a identidade. É neste espelho público que são confrontadas com estas questões essenciais e existenciais: quem sou? E não há problema em ser quem sou?” (Vandembroeck, 2011). Esta questão ecoa em nós profundamente, na responsabilidade ética de tomarmos o cuidar e educar como a expressão da nossa humanidade, do potencial imenso de ser pessoa.

É aqui que a pedagogia da infância se viabiliza, do macro ao microsistema, afirmando a Inclusão como pilar fundamental em Educação de infância:

- profundamente presente no último Relatório da UNESCO, “Redescobrir Nossos Futuros Juntos”, com a proposta de um novo contrato social para a Educação (UNESCO, 2022);
- forte como um refrão, a que sempre precisamos de voltar, na Exigência de Resposta a Todas as Crianças, fundamento e princípio da pedagogia para a infância presente nas

Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar e nas recentes Orientações Pedagógicas para a Creche;

- viva e ferida, na consciência da realidade concreta do nosso país que aponta a tensão entre políticas e práticas, com a evidência de que mais de 300 mil crianças eram pobres em 2022 e de que, destas, 80% não frequentavam a creche (Peralta, Carvalho & Fonseca, 2023);

- situada no exigente quotidiano das equipas educativas que lutam, diariamente, para viabilizar comunidades de aprendizagem inclusivas, assentes em práticas reais, relacionais e participativas.

Face às mudanças e desorientações da contemporaneidade - e são tantas! - a educação de infância pode encontrar o seu sentido nesta Pedagogia do Encontro, onde é urgente:

- um olhar atento, sensível, rigoroso às políticas de expansão e acesso, perguntando-nos sempre “A quem servem? Como servem?”, com a diversidade e a equidade como base de reflexão e ação;

- formação inicial e contínua que fundamente e robusteça práticas pedagógicas diferenciadas, compreendendo-as e defendendo-as como inegociáveis;

- respeito e apoio concreto a todos os profissionais e às suas condições de trabalho para que, numa cascata de cuidados (Gomes-Pedro, 2017), possam também respeitar e apoiar crianças e suas famílias;

- acolhimento às famílias e crianças com escuta, abertura, respeito, reflexividade e amorosidade, mobilizando, tudo o que sabemos, somos e queremos vir a ser, para ir ao seu encontro;

- um desígnio de qualidade em educação de infância - estrutural, processual, dinâmica, situada, culturalmente sensível e reflexiva - que nos permita andaimar e consolidar a base profunda de sermos humanos.

Se em filosofia Noesis se exprime como ato de compreender e, em fenomenologia, como ato subjetivo de consciência, possamos nós, neste contexto, seguir as “Instruções para viver uma vida” de Mary Oliver - “Presta atenção. Espanta-te. Fala disso.” - na convicção profunda do nosso compromisso em garantir, desde o seu fundamental início, que “nenhuma tendência é um destino” (UNESCO, 2022).

Referências bibliográficas

Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (2007). The bioecological model of human development. In *Handbook of child psychology: Theoretical models of human development* (Vol. 1, pp. 793). <https://doi.org/10.1002/9780470147658.chpsy0114>

Gomes-Pedro, J. C. (2017). *Pensar a criança, sentir o bebé*. Zero a Oito Edições.

Peralta, S., Carvalho, B. P., & Fonseca, M. (2023). *Portugal, Balanço Social 2023: relatório anual*. Nova School of Business and Economics. <https://doi.org/10.34619/htzy-h8zf>

Vandenbroeck M. (2011). *Diversity in early childhood services*. Encyclopedia on Early Childhood Development [online]. Centre of Excellence for Early Childhood Development; 2011:1-6. https://www.researchgate.net/publication/234125903_Diversity_in_early_childhood_services

UNESCO (2022). *Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação*.
Comissão Internacional sobre os Futuros da Educação.
<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000381115>